

Devaneios curtíssimos sobre a canção caipira

Autores

Leonardo Vinicius de Souza Tavares¹

Éber José dos Santos²

A obra de arte deve apoderar-se da plateia não através da identificação passiva, mas através de um apelo à razão que requeira ação e decisão.

Ernst Fischer (1976)

Pra início de conversa

As relações entre arte e sociedade mereceram análises pormenorizadas ao longo dos tempos. A pergunta central é: a arte funciona como substituta da vida? Isto é, no sentido de colocar o homem num estado de equilíbrio com o meio circundante? Somos levados a crer que o tema talvez não seja passível de análise retórica. Ledo engano! A realidade é outra, não é mesmo?

Afinal de contas, notamos que, ao longo dos tempos, públicos de toda ordem identificaram-se, na penumbra do auditório ou a céu aberto, com os olhos vidrados, cheios de admiração, em um palco iluminado ou não, onde aconteceram apresentações quase mágicas, que completamente absorveram a atenção de quem lá estava: duplas caipiras. Ater-nos-emos à clássica formação viola/violão das duplas de música caipira neste brevíssimo ensaio.

Uma obviedade, não tão óbvia assi.m...

Sabemos que a música caipira só se consolidou em disco, como hoje a conhecemos, devido ao esforço de uma personagem central da nossa cultura: Cornélio Pires. Do próprio bolso bancou a prensagem de 25 mil discos, numa época em que esse estilo musical era totalmente desconhecido pelo mercado. Essa proeza se deu no ano de 1929. De lá para cá, a canção caipira

¹ Doutorado em andamento em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP. E-mail: leonardovitavares@yahoo.com.br

² Doutorando em Língua Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP e docente na Fatec Prof. Waldomiro May – E-mail: eber.santos@fatec.sp.gov.br

adquiriu certa notoriedade e faz parte do mercado de consumo de música, sobretudo nas plataformas digitais.

É, fazer escolhas realmente não é fácil, uma vez que as relações humanas são complexas e contraditórias. Ainda mais em terras tupiniquins, como o Brasil, em que as influências da música mercadológica “isolam” o que é genuinamente nosso. Porém, é preciso que tomemos decisões a todo instante. Sartre (2014) previu isso ao nos alertar que o homem é condenado a ser livre, e seu livre-arbítrio lhe trará a angústia que brota da responsabilidade pelos seus atos. Pois bem, quem ainda propaga esse estilo musical sofre as agruras do caminho escolhido.

Por quê? Ora, certas escolhas afetivas direcionam o comportamento e a visão de mundo que o sujeito cria a partir de um rompimento, de uma decepção e assim por diante. Ser violeiro num país inundado de modismos nunca foi e ainda não é tarefa fácil. E, definitivamente, ser violeiro é uma escolha pra lá de afetiva.

As músicas caipiras não são simples enunciações simplórias calcadas apenas na vivência do cotidiano do interior. Seguimos na contramão da visão preconceituosa legitimada sobre as canções caipiras, pois elas expõem arguta articulação e percepção retórica da realidade e das emoções que acometem o existir, que conclama o auditório, por meio do sentir, a aderir às suas convicções, e com emoção, de certo modo, conscientizam o auditório valendo-se do jogo antitético razão-emoção, oriundo do universo caipira.

Nossa proposta não consiste em reforçar o estereótipo. Aqui o intento é justamente desconstruí-lo, por isso nos concentramos no que há de positivo nesse estilo, o que há de grandioso, sem dar ênfase ao que lhe qualifica enquanto produto da memória de um povo, carregado de traços característicos de suas vivências.

Arrochando o nó do raciocínio

Eis o papel social que desempenhamos aqui: revelar a noção de sujeito sociológico que revela sua visão de mundo e posicionamento por meio de sua arte musical. As impressões metafóricas presentificadas nas letras das canções são visões de mundo idealizadas deste

sujeito, cuja identidade foi formada no âmago de suas vivências e que levam características angariadas no curso do tempo (história) e do espaço (social) que dialogaram com suas peculiaridades e o fizeram ser quem é. Cabe dizer que nos referimos ao caipira que viveu e vive no campo, logo sua identidade³ foi configurada pelos elementos interiores de suas vivências. Por conseguinte, as experiências desse grupo de sujeitos do campo (de dada região) alicerçarão a memória coletiva, a qual proporcionará elementos discursivos em defesa de seu estilo de vida distinto aos dos sujeitos citadinos.

Seria interessante ressaltar que por se tratar de músicas tradicionais e regionais, seu reconhecimento e/ou propagação “somente” se deu por meio de elementos da modernidade e espaços que não eram os seus, paradoxalmente.

Aqui, nesses devaneios, lembramos Le Goff (2014) que nos fornece noções aprofundadas sobre essas questões e, para nossa felicidade, numa perspectiva *decolonialista*, ou seja, a ênfase é dada à narrativa do próprio sujeito sociológico, não de terceiros que narram sua história por ele.

Finalzin da prosa

Os preconceituosos de plantão nunca se atentaram ou não quiseram se atentar à cadência temática dessas canções. É fundamental, uma vez que a memória é configurada através das vivências e as vivências são consolidadas a partir das configurações identitárias. As narrativas se utilizam de elementos que disseminam as memórias para, assim, dar-lhe teor factual mediante o discurso e seus elementos retóricos, legitimando comunidades, sujeitos e suas experiências. Este movimento cíclico entre as *epistemes* não pode ser dissociado das nossas reflexões. Nunca!

O cosmos poético representado pela música caipira é imenso, multifacetado e heterodoxo (AZEVEDO, 2013). Seu discurso é considerado popular porque consegue abordar temas humanos complexos: amor, inveja, contendas etc., por meio de uma linguagem pública e compreensível. Essa forma de se comunicar gera identificação naqueles que se dispõem a prestar atenção no que é dito, cantado.

³ Conceito bastante complexo, o qual encontra suas primeiras tergiversações em Parmênides.

Refletir sobre a canção caipira e suas lentes de interpretação de mundo é, sobretudo, matutar sobre os discursos do sujeito, das hierarquias, do contexto, da religiosidade, do senso comum, da oralidade e da riqueza cultural que permeia esse vasto país chamado Brasil.

Nosso empenho insufla pensar a respeito de tradições, não para conservá-las, mas para compreendê-las. Não só: também utilizá-las como instrumento de mudança e desenvolvimento social, cultural e artístico. Faz-se necessário no sentido de diminuir fronteiras que por muito tempo estabilizaram o mundo social e geraram preconceitos de toda ordem.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo. *Abençoado e danado do samba: um estudo sobre o discurso popular*. – São Paulo: USP, 2013
- BORNHEIM, Gerd. (org.) *Cultura brasileira: tradição e contradição*. – Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- FERREIRA, Luiz Antonio. *A retórica do poder e o poder da retórica* (págs. 09-16). In *O suscitar das paixões: a retórica de uma vida*. – São Paulo: Blucher, 2021.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. – São Paulo: Centauro, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. – 12ª ed. São Paulo: Lamparina, s/d.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. – 7ª ed. São Paulo: UNICAMP, 2014.
- MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault*. – 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SARTRE, Jean Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. – 24ª ed. São Paulo: Vozes, 2015.
- SEVERIANO, Jairo. *Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade*. – São Paulo: 34, 2008.